



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO *LATU SENSU* EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

MARIA DE FÁTIMA AVELINO DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO: ESTRATÉGIA PARA SUPERAÇÃO DA
APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DO SISTEMA MUNICIPAL DE
ENSINO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PÓS-PANDEMIA**

CAJAZEIRAS-PB
2023

MARIA DE FÁTIMA AVELINO DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO: ESTRATÉGIA PARA SUPERÇÃO DA
APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DO SISTEMA MUNICIPAL DE
ENSINO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PÓS-PANDEMIA**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO *LATU SENSU* EM FORMAÇÃO DOCENTE PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Projeto de Pesquisa apresentado no Curso de especialização Latus Sensu em Formação Docente para Educação Básica da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção da aprovação na pós-graduação.

Orientadora: Suzi Alves Montiel

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

S586a	<p>Silva, Maria de Fátima Avelino da. Alfabetização: estratégia para superação da aprendizagem dos estudantes do Sistema Municipal de Ensino de São José de Piranhas pós- pandemia / Maria de Fátima Avelino da Silva. – Cajazeiras, 2023. 23f. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Suzi Alves Montiel. Artigo Monográfico (Especialização em Formação Docente- Educação Básica) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Aprendizagem infantil. 2. Alfabetização. 3. Estratégia de aprendizagem. 4. Ensino - São José de Piranhas - Município - Paraíba. I. Montiel, Suzi Alves. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS CDU – 37.015.3</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIA DE FÁTIMA AVELINO DA SILVA

ALFABETIZAÇÃO: ESTRATEGIA PARA SUPERAÇÃO DA
APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DO SISTEMA MUNICIPAL DE
ENSINO DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS PÓS-PANDEMIA

Projeto de Pesquisa apresentado no
Curso de especialização *Latus
Sensu* em Formação Docente para
Educação Básica da Unidade
Acadêmica de Educação da
Universidade Federal de Campina
Grande como requisito para
obtenção da aprovação na pós-
graduação.

Orientadora: Suzi Alves Montiel

Aprovado em: 23 de novembro de 2023.



(Profa. Dra. Suzi Alves Montiel) 23/11/2023.



(Profa. Dra. Gerlaíne Belchior Amaral) 23/11/2023.



(Profa. Dra. Rozilene Lopes de Sousa Alves) 23/11/2023.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender quais as estratégias adotadas pelo sistema municipal de ensino de São José de Piranhas para a recomposição das aprendizagens do processo de alfabetização de crianças e adolescentes com déficit. Buscando responder a seguinte pergunta: qual a estratégia o Município tem adotado visando sanar ou amenizar as lacunas deixadas resultantes do período pandêmico? A importância deste trabalho se justifica pelo fato de que para a educação nacional é prioridade que crianças sejam alfabetizadas no período estipulado na Base Nacional Comum Curricular-BNCC. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa exploratória e o instrumento de coleta de dados utilizado foi a realização de uma entrevista semiestruturada com três participantes e observação *in loco* da estratégia utilizada e análise da proposta. O Núcleo de Aprendizagem é a estratégia criada pelo sistema de ensino para dirimir as dificuldades de aprendizagens dos estudantes do Município. A partir dos resultados obtidos que a estratégia adotada pelo Município, vem se aprimorando ao longo do ano e se consolidando com resultados favoráveis aos objetivos propostos, mas, que o caminho é longo e precisa ser percorrido com esperança.

Palavras-chave: Alfabetização. Estratégia de Aprendizagem e Pandemia.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como título “Alfabetização: estratégia para superação da aprendizagem dos estudantes do sistema municipal de ensino de São José de Piranhas pós-pandemia”. Levando em consideração as metas e estratégias para o processo de aprendizagem significativas após o período pandêmico, a pandemia avassalou o mundo, acarretando transformações em vários setores da sociedade. A educação foi uma das partes mais afetadas, em se tratando de ensino-aprendizagem dos discentes. “A pandemia de covid-19 fechou escolas em todo o mundo, interrompendo a educação de 1,6 bilhão de estudantes em seu pico” (Unicef, 2021, n.p). Mais especificamente no processo de alfabetização, é imprescindível para um bom desenvolvimento da aprendizagem que aconteça a interação e esse processo interacional não sucedeu durante a pandemia. Portanto, como consequência para este tempo, denominado “novo normal” a escola vem enfrentando muitos desafios. Isto posto, este artigo tem como objetivo compreender quais as estratégias adotadas pelo sistema municipal de ensino de São José de Piranhas para a recomposição das aprendizagens do processo de alfabetização de crianças e adolescentes com déficit. Para esta pesquisa, buscamos responder a seguinte pergunta problematizadora: qual a estratégia o município tem adotado visando sanar ou amenizar as lacunas deixadas resultantes do período pandêmico? Para a educação nacional se torna prioridade que crianças sejam alfabetizadas, sendo assim, são

necessárias pesquisas a respeito dessa temática.

Para Lüdke e André (1986, p. 01) “A palavra pesquisa ganhou ultimamente uma popularização que chega por vezes a comprometer seu verdadeiro sentido”. Ou seja, a pesquisa de diversas formas de pensar. Desse modo, os autores destacam que:

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico, acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (1986, p.1).

Tendo o interesse despertado acerca da importância de um processo de alfabetização sólido é que esta pesquisa se insere para refletir sobre a dinâmica do ensino-aprendizagem desde que o período de pandemia foi amenizado. Com esta finalidade, lançamos mão da pesquisa qualitativa que, segundo Dourado e Ribeiro (2023, p. 14 e 15) “os pesquisadores que adotam esse modelo metodológico praticam o exercício de escuta e observação com o objetivo de compreender como “consciências” diferentes das suas, distintas das que conhecemos”. Os instrumentos utilizados para coleta de dados e informações foram: observação em uma das escolas do sistema público municipal, análise de documentos e entrevista semiestruturada com profissionais da escola referida, a fim de conhecermos melhor como funciona na prática o projeto para recomposição da aprendizagem.

Os sujeitos da pesquisa foram três professoras que já atuam desde o início do projeto e serão nominadas nesse trabalho de: P. Maria, P. Josefa e P. Luiza.

Tivemos como principais referências para a fundamentação teórica os conceitos e estudos de autores como, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Paulo Freire, Magda Soares, Piaget, entre outros autores e documentos norteadores da Educação Nacional.

Oliveira (2000) indica um caminho que deveria ser considerado por todo pesquisador, particularmente pelos que fazem uso da metodologia qualitativa: disciplinar as faculdades do olhar, do ouvir e do escrever. Na trajetória desta pesquisa adotamos esta postura colocada por Oliveira, tanto na escuta dos sujeitos entrevistados, que são profissionais da educação municipal, quanto na análise do projeto e observação do ambiente alfabetizador, que foi o *locus* deste trabalho.

O desenvolvimento deste trabalho está organizado em três tópicos. O primeiro enfatiza sobre o corona vírus e o impacto no sistema educacional como as instituições municipais se organizaram para manter o vínculo com as famílias e educandos. No

segundo tópico, conceito e as concepções de alfabetização. No terceiro tópico é abordado a estratégia utilizada pelo Município de São José de Piranhas para recomposição da aprendizagem, com a percepção de professores alfabetizadores adotada para amenizar o déficit de aprendizagem dos educandos.

2. CORONA VÍRUS E O IMPACTO NO SISTEMA EDUCACIONAL

Originando-se na China, no final de 2019, o corona vírus rapidamente se alastrou pelo mundo, “o caos social, econômico e político criado pela pandemia do Novo Corona vírus - Covid 19, no primeiro trimestre de 2020, fez com que num prazo de um mês o cenário internacional alterou-se completamente na maioria dos países do globo” (Gohn, 2020), desde então, o mundo sofreu diversas mudanças. Mudanças essas, que não afetou somente a economia ou o modo de vida de muitas pessoas, muitas vidas foram ceifadas, deixando fortes sequelas em todos os sentidos. Como consequência dos efeitos do vírus, a Organização Mundial da Saúde decretou emergência global, fechando tudo, exceto os serviços extremamente essenciais. Com isso, as escolas foram fechadas e a educação sofreu um forte impacto.

Com o panorama de isolamento social no país teve que haver uma rápida e necessária transição da forma de ensinar e aprender em nossas escolas. Medidas emergenciais precisavam ser tomadas, alternativas precisavam ser criadas para que instituições de ensino pudessem dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem ainda que diferente do habitual.

Durante a pandemia em pouco menos de 02 meses as instituições educacionais tiveram a incumbência de reordenar e adequar às práticas e metodologias de ensino, criando novas formas de se fazer educação, evitando o contato entre as pessoas e aglomerações nas instituições de ensino, entendendo que naquele momento o essencial era manter o distanciamento social para que o vírus pudesse ser contido. O Conselho Nacional de Educação-CNE sugeriu, “que estados e municípios buscassem alternativas para minimizar a necessidade de reposição presencial de dias letivos, a fim de permitir que fossem mantidos um fluxo de atividades escolares aos estudantes enquanto durasse a situação de emergência” (Brasil, 2020, n.p.). Essas medidas foram necessárias já que não era possível perceber em que momento isso tudo iria acabar.

Foi então que passamos do modo presencial para o remoto, situação que para muitas instituições nunca foram antes experienciadas, em seguida para o híbrido e por

fim para o ensino 100% presencial com todas as medidas de segurança, conforme o momento se tornou favorável e a pandemia era entendida como controlada. O modo remoto foi uma adaptação temporária mediada pela tecnologia que foi pensada para o momento e nesse sentido estimaria que os estudantes obtivessem aulas ao mesmo tempo e/ou em tempo real, ou seja, que alunos e professores tivessem o máximo de interação e acompanhamento possível, ao mesmo tempo do horário das aulas presenciais, assistissem os vídeos das aulas enviados pelos professores, isso para minimizar os impactos na educação nacional, porém, sem uma formação adequada prévia para os professores do como conduzir este processo.

Quando a pandemia amenizava, iniciou-se a flexibilização do distanciamento social, oportunidade em que se estudava a possibilidade do ensino híbrido uma nova metodologia que o aluno passaria a frequentar o espaço escolar presencialmente em dias alternados e também receberia um suporte de forma remota e on-line (em tempo real), como explica Lilian Bacich:

O on-line potencializa o momento presencial. “Quando você combina essas duas experiências de aprendizagem e tem como foco a personalização, aí você está realizando o ensino híbrido com essa proposta de um estudante mais ativo, no centro do processo e de uma avaliação formativa. (Bacich, 2020 n.p)

Frente a essa situação, a tecnologia surgiu como um forte aliado para a educação nesse período, a Educação a Distância-EAD se tornou uma alternativa para manter a escola e movimento educacional em curso “As características que a EAD apresenta contribuem claramente para a democratização do acesso ao conhecimento, amplia os espaços educacionais e diversifica o processo de aprendizagem” (Karpinski, 2017, p.443). Deste modo, a forma de adequação da escolarização precisaria levar em consideração as necessidades e características dos educandos quanto ao tempo de aula no qual os professores e alunos estariam se adequando, era preciso atentar às características dos estudantes e sua realidade social que são fatores cruciais para o processo de ensino-aprendizagem acontecer de forma significativa.

Diante do contexto, era preciso manter o vínculo dos discentes com a escola e que as crianças pudessem continuar o processo educativo de ensino-aprendizagem nesse período. Alternativas foram pensadas e colocadas em prática, mas, o ensino-aprendizagem não aconteceu de acordo com o planejado, uma vez que, um número significativo de crianças não teve acesso às atividades remotas ou se quer materiais

impressos, Segundo Silva (2022):

Se países em desenvolvimento já enfrentaram diversas dificuldades para que o ensino remoto fosse mantido e se assegurasse alguma continuidade ao processo educativo das crianças, a situação em países menos desenvolvidos foi deveras agravante, produzindo ainda mais desigualdade na educação global. (p. 139)

O cenário pandêmico de fato nos mostrou ainda mais como os nossos estudantes vulneráveis foram os maiores prejudicados. Em estudo produzido pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic (2020), os maiores desafios para o ensino remoto foi a falta de aparelhos, pouco apoio dos pais no auxílio às crianças, a complexidade em atender os estudantes em áreas remotas e os vulneráveis até sem o alimento em casa, a falta de conhecimento dos professores no uso das novas tecnologias digitais, o que gerou um aumento da carga de trabalho dos professores e por último, a dificuldade com os alunos em fase de alfabetização.

Considerando que o processo educativo, por sua vez, acontece através da interação entre os sujeitos e na troca de conhecimento, na perspectiva da abordagem sócio cultural. Freire nos faz refletir que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (Freire, 1987, p. 39)

O ser humano mantém-se num processo de aprendizagem todos os dias no qual se insere dentro do contexto histórico e cultural de sua história. Somos seres inacabados como aponta Freire “somos a essência da construção e desenvolvimento do ser” (Freire, 1996, p. 55-56) vivemos esse processo a todo instante enquanto pessoa enquanto estudantes.

Brandão (2003, p. 25), menciona “que nos acostumamos a dar o nome de educação, acontece também dentro de um âmbito mais abrangente de processos sociais de interações chamados cultura”. Nessa perspectiva, a cultura se constrói a partir da interação com o meio com diversos grupos sociais.

É um processo de construção e reconstrução a cada momento nas interações diárias com o meio e contextos diversos de nossa história. Como relata Freire (1989) em sua concepção não há uma receita pronta em relação ao conhecimento e que ele vem pronto e acabado, mas parte de uma construção.

A pandemia fez com que instituições mudassem suas rotas e os profissionais da educação se reinventassem, o que levava a comunidade escolar ao seguinte questionamento: como estamos em relação à aprendizagem das crianças? O que precisa ser feito para que o processo não tenha a corrente quebrada durante o tempo fora do

espaço escolar? Como melhorar a aproximação do professor com seus educandos, com as famílias e com o processo de ensino-aprendizagem, seja no remoto ou híbrido?

Em meio a esse contexto vivenciado, nos deparamos com realidades tão distintas e diversas. Insumos emergenciais como alimentação que não puderam ser consumidos na escola do Programa Nacional de Alimentação Escolar passaram a ser entregues às famílias dos estudantes matriculados no sistema municipal de ensino conforme a Lei 13.987, de 07 de abril de 2020 “em caráter excepcional, durante o período de suspensão das aulas em razão de situação de emergência ou calamidade pública”. Essa seria uma das estratégias para que houvesse um contato mais direto com as famílias para que fosse possível alguma intervenção, orientação e entrega de material. Mas, sem acesso às mídias, alguns pais só ficavam sabendo posteriormente, pois, seu meio de comunicação era o vizinho ou um conhecido, ou seja, através da “boca a boca”.

Embora quase todos os países ofereçam oportunidades de aprendizagem remota para os estudantes, a qualidade e o alcance dessas iniciativas são diferentes – na maioria dos casos, elas oferecem, na melhor das hipóteses, um substituto parcial para o ensino presencial. **Mais de 200 milhões de estudantes vivem em países de baixa e média baixa renda que não estão preparados para implantar o ensino remoto durante o fechamento emergencial de escolas** (Unicef, 2021, n.p).

É preciso pensar e repensar, “o homem vai se lançando no domínio que lhe é exclusivo, o da história da cultura” (Freire, 1979, p. 63) e a história passa por suas transformações, mas um princípio parece perdurar, o de que a vivência em comunidade no meio social é propícia para o aprendizado acontecer.

Para Palangana, pesquisadores como Piaget defendem que as crianças se desenvolvem de forma individual. Mas, para Vygotsky o aprendizado ocorre quando há uma relação e a interação entre pessoas, esclarecendo que a prática chegará a um momento que precisarão ser repensadas, portanto, as técnicas já não deverão ser as mesmas. As metodologias não são mais as mesmas, as formações de professores terão que mudar.

Em tempos de pandemia as metodologias antes tidas como vilãs são usadas pelos profissionais de educação como alternativa para chegar aos seus alunos para que não houvesse uma descontinuação total das aulas, as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC’s, e as tarefas impressas, porém, como já foi relatado muitos alunos não tiveram acesso a equipamentos para ao menos tentar atenuar essa situação.

Em função disso, o Município de São José de Piranhas adquiriu nesse momento e ofertou aos estudantes do 3º ano ao 9º ano do sistema público municipal um equipamento (tablet) para que pudessem receber vídeos e assistir as aulas.

Mediante os obstáculos para que o ensino-aprendizagem se concretizasse no período pandêmico, isso nos instiga a uma reflexão mais profunda sobre a importância da recomposição da alfabetização para o desenvolvimento escolar dos alunos. Tendo em vista que alguns já apresentavam dificuldades, essas foram potencializadas durante a pandemia. É primordial que o processo de alfabetização aconteça na idade certa, para que nossas crianças possam ter um bom desempenho escolar posteriormente, assim como preconiza a Base Nacional Comum Curricular – BNCC “é nos anos iniciais (1º e 2º) que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura”. (Brasil, 2017, p. 89)

O processo de alfabetização no País já estava dando sinais de defasagem, como apontam os índices do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB (INEP, 2022), em 2019, das crianças avaliadas, 54,8% foram consideradas alfabetizadas, de acordo com a avaliação, esse percentual caiu para 49,4% em 2021, o percentual de crianças do 2º ano das redes públicas de ensino que não sabiam ler e escrever dobrou de 15% (2019) para 34% (2021), conforme esses resultados, os mais afetados foram os alunos que estavam saindo da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental, pontos cruciais para o processo de alfabetização. Apesar de não ter dados específicos do Município de São José de Piranhas referente ao 2º ano do Ensino Fundamental, com base nos dados do 5º ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais num comparativo dos anos de 2019 a 2022 teve uma queda significativa em Língua Portuguesa de 44% para 41%, em Matemática de 38% para 35% (QEDU, 2022). Indicando que o ensino-aprendizagem fragilizou-se ainda mais.

Foi possível visualizar ainda mais as dificuldades enfrentadas por nossas crianças em seu dia a dia escolar, importante ressaltar que sem essas habilidades fixadas e compreendidas todo o processo posterior será prejudicado, fazendo com que essa defasagem gere distorção idade/série, evasão escolar e desinteresse pela escola, reforçando a desigualdade social que assola o nosso País.

3. CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

De acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, “alfabetizar é ensinar a ler e escrever, dar instruções básicas, aprender a ler por si mesmo”.

Com esse conceito, é possível constatar que alfabetizar vai além de uma forma mecânica de ensinar a ler, voltado para obtenção do código da escrita, será necessário

fazer uso dessas duas práticas cotidianas e apropriar-se da função social de cada uma, para Soares e Batista (2005, p.24) “O termo **alfabetização** designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica”.

A ação de *alfabetizar*, isto é, segundo o *Aurélio*, de "ensinar a ler" (e também a *escrever*, que o dicionário curiosamente omite) é designada por **alfabetização**, e alfabetizado é “aquele que sabe ler” (e escrever) Já *letrado*, segundo o mesmo dicionário, é aquele "versado em letras, erudito", e iletrado é "aquele que não tem conhecimentos literários" e também o "analfabeto ou quase analfabeto". O dicionário *Aurélio* não registra a palavra "letramento". (Soares 2009, p. 16)

Nesse sentido, é necessário a conscientização de educadores para o entendimento de que a alfabetização não começa e termina no espaço escolar, esse processo perpassa os muros e paredes da escola.

Á natureza complexa do processo de alfabetização de alfabetização, com suas facetas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística, é preciso acrescentar os fatores sociais, econômico, culturais e políticos que o condicionam. (Soares 1985 *apud* Soares, 2017, p. 26).

Corroborando com o que diz Ferreiro (1985, p. 40-41) “Em alguns momentos da história faz falta uma revolução conceitual. Acreditamos ter chegado o momento de fazê-la a respeito da alfabetização”. De acordo com Ferreiro, a sociedade necessita de mudanças em relação ao processo de alfabetização, a forma de ensinar a alfabetizar, se faz necessário deixar de lado os antigos métodos tradicionalistas e rígidos, com uma educação mais flexível com condições e expectativas de quem está no processo de alfabetização. Sem dúvidas, o processo de alfabetização é um dos mais complexos e importantes da educação.

Lima, estudante dos métodos Freire de alfabetização destaca que:

“a alfabetização - em vez de impor-se como algo estranho ao mundo psicossociológico do analfabeto - deve ajusta-se neste quadro como decorrência natural da tomada de consciência lúcida dos problemas. A consciência crítica (que substitui a consciência mágica) tende para a mobilidade crescente que tem como instrumento natural a utilização da leitura, porta de entrada em novo mundo cultural simbolizado pela linguagem escrita. O que se propõe ao analfabeto não é, simplesmente, a aquisição de uma nova técnica que ele não deseja e cuja utilidade não percebe: propõe-se a solução de seus problemas vitais através do manejo de um instrumento que ele utilize de forma autônoma”. (1979, p. 175-176).

Assim como Freire (1989, p. 13) nos faz refletir a forma como professores ensinam e como alunos aprendem, precisamos pensar tanto os alunos quanto os professores como seres transformados em pesquisadores críticos e não como passivos, pois não podemos conceber um “ensino em cujo processo o alfabetizador fosse

“enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos”. Não se pode pensar em crianças vazias ou em apenas transferências de conteúdos, mas sim, em preparar as crianças para o ambiente, para a sociedade. Precisa-se pensar em crianças com histórias, experiências vividas, motivações e sentimentos.

Portanto, a necessidade de alfabetização surgiu desde que o homem entendeu a língua escrita como fonte de poder “conhecimento é poder”, para tanto, antigamente essa soberania era restrita, apenas usufruindo dela os mais nobres. Ante o exposto Soares define que:

Pode-se agora ampliar o conceito de alfabetização proposta [...], definindo-a mais amplamente como a aprendizagem de um sistema de representação que se traduz em um sistema de notação que não é um “espelho” daquilo que representa, uma vez que é arbitrária - a relação entre as notações (as letras) e aquilo que representa, (os fonemas) não é lógico nem natural - e é um sistema regido por normas - por convenções e regras. (Soares, 2016, p. 328).

E importante destacar que, de acordo com a pesquisa de Todos pela Educação, uma instituição pública não governamental, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE que as escolas públicas do País não estão conseguindo alfabetizar seus alunos, 40,8% dos discentes não estavam alfabetizados em 2021, o percentual antes da pandemia era de 25,1%.

4. RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM E PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A ESTRATÉGIA ADOTADA NO MUNICÍPIO

“E o milagre continuava acontecendo cada letra que João ia aprendendo ia logo aparecendo em tudo que era lugar”. (Rocha, 2013 p. 17).

A epígrafe retirada do poema de Ruth Rocha, “O menino que aprendeu a ver”, embora um texto simples e de uma linguagem de fácil compreensão, manifesta uma sensibilidade e suavidade nas palavras. A forma como a criança visualiza as letras antes de aprender a ler e o jeito como enxerga as palavras à medida que vai aprendendo e se alfabetizando até parece “magia”. É interessante que a cada letra compreendida é como se o código se transformasse e fosse desvendado, e é necessário que as crianças possam ser capazes de contemplar não só suas leituras de mundo, mas sejam capazes de as entendê-las com clareza e esse desafio de fazer as crianças aprenderem significativamente a ler e escrever que o município tem buscado.

A sentença “recomposição das aprendizagens” se tornou desde o retorno

presencial pós-pandemia a frase mais utilizada no ambiente escolar, ela faz referência à estratégia de adequação de um currículo que visa recompor competências e habilidades ante um prejuízo gigante resultante das aulas remotas.

De acordo com Abe (2022), “recomposição” seria uma adequação à realidade vivenciadas nas escolas, diferente de “recuperação”, pois, partiria da questão de que se o estudante não aprendeu o que realmente deveria ter aprendido, sendo assim, o que deveria recuperar? Nos fazendo pensar que nesse caso não se aplicaria, pois, para muitos alunos o ensino remoto não aconteceu, portanto, a oportunidade de aprender e consolidar não ocorreu, então, “recomposição”, surge da necessidade de “restaurar,” reestruturar a união entre discentes e aprendizagem que ao longo do isolamento social foi um fracasso. Há muitas dimensões que precisam ser consideradas para um bom desenvolvimento na aprendizagem, o que não ocorreu no período pandêmico, como aponta Kenski,

[...] propostas dinâmicas de aprendizagem, em que se possam exercer e desenvolver concepções sócio-históricas da educação – nos aspectos cognitivo, ético, político, científico, cultural, lúdico e estético - em toda a sua plenitude e, assim, garantir a formação de pessoas para o exercício da cidadania e do trabalho com liberdade e criatividade (2012, p. 67).

A Secretaria Municipal de Educação, observando dados e ciente de um colapso em relação à aprendizagem e alfabetização das crianças, intensificada no período pandêmico, decidiu por sua vez, elaborar estratégia objetivando reduzir a defasagem de crianças, adolescentes e jovens pela suspensão das aulas presenciais no período de isolamento social da pandemia da covid-19. Por conseguinte, o Núcleo de Aprendizagem: Reenturmação de alunos para alfabetização foi pensado como método de recomposição que pudesse auxiliar os estudantes com maiores dificuldades em relação às habilidades não adquiridas ou não consolidadas durante o período que permaneceram em casa.

O projeto foi desenvolvido em turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais (3º, 4º e 5º ano) e Anos Finais (6º ano), a proposta foi estruturada em 2022 e aplicado de início em três escolas tidas como projeto piloto, escolas estas situadas na zona urbana, pois, o projeto estaria em avaliação.

A avaliação desse projeto piloto surtiu efeitos positivos, e assim foi estendida para as demais escolas na zona rural que necessitavam desse subsídio para que fossem atenuadas as dificuldades de aprendizagem em 2023. Para participarem das turmas do núcleo de aprendizagem os alunos, de acordo com a proposta do projeto, fizeram uma

avaliação diagnóstica para identificação dos níveis de aprendizagem de cada estudante.

avaliações diagnósticas prévias para identificar o nível de aprendizagem dos alunos, identificando prioritariamente os que se encontravam com nível insuficiente no processo de alfabetização em Linguagem e matemática, considerando os estudantes que foram promovidos para as séries subsequentes sem que ainda soubessem ler. (São José de Piranhas, 2022, p. 04)

Um trabalho pedagógico diferente com planejamentos e formações, partindo de uma atividade com um diferencial do que é oferecido em sala de aula, adequação de conteúdo, visando à leitura e a escrita.

O Núcleo de Aprendizagem do Município de São José de Piranhas, criado com o intuito de promover a “magia” na alfabetização de crianças que não conseguiram consolidar sua alfabetização no tempo sugerido conforme preconiza documentos oficiais nacionais como a Base Nacional Comum Curricular-BNCC, que como mágica os rabiscos tomem formas e tenham sentidos para que ao longo possa fazer parte do cotidiano de vida de cada uma das crianças que vivenciam esse processo.

os estudantes passam a receber um atendimento voltado para as suas reais dificuldades com uma adequação dos conteúdos visando o desenvolvimento do processo de leitura e escrita para retornarem as suas turmas de origem. Nesse processo é possível diagnosticar a evolução e a melhoria da aprendizagem trazendo uma nova auto estima e força de vontade para prosseguir , principalmente por parte do estudante que após se sentir alcançado dentro do processo passa a ser protagonista da sua vida estudantil e junto com a família a escola começa a ter uma nova esperança. (São José de Piranhas, 2022 p. 05-06)

Pensando nisso, a proposta do projeto é trazer uma estratégia de alfabetização diferenciada para que estudantes possam enxergar o que se encontra ao seu redor de uma forma diferente.

Ao serem entrevistadas e questionadas sobre a forma de como seria esse planejamento que, de acordo com o projeto, são rotinas de leitura baseadas nos mapas de foco da Base Nacional Comum Curricular-BNCC. Para uma alfabetização diversificada, as professoras alfabetizadoras P. Maria, P. Josefa e P. Luiza retratam suas experiências quanto ao planejamento bem elaborado visando minimizar os prejuízos anteriores. No qual retratavam planejamentos distintos, partindo de prejuízos individuais de cada criança, a maioria dos alunos recebidos nessas turmas estão nos níveis pré-silábico, silábico com e sem valor sonoro, silábico alfabético, alfabético e ortográfico. Então, sempre partindo de atividades cantadas, contações de histórias e construção de recursos lúdicos, buscando despertar a atenção e motivação por parte dos alunos.

Desta forma, levando em consideração os princípios de Freire (1986), temos indivíduos capazes de aprender com alegria e esperança na convicção de que a mudança é possível, passamos a vida aprendendo, aprendendo a andar, a falar, a ler, a escrever etc. Portanto, é preciso e necessário acreditarmos que tudo será possível. Para as professoras é um momento desafiador, mas, que sim, é possível que essas crianças consigam ter o êxito esperado.

Para os estudantes do Núcleo de Aprendizagem a fase é de recompor. Recompor aprendizagens que ficaram pelo meio do caminho nesse processo que é tão dinâmico e que necessariamente precisa que o envolvimento seja por completo. É sabido que cada um aprende em um ritmo e de maneiras diferentes, sendo assim, as alfabetizadoras compreenderam que as estratégias e metodologias utilizadas anos anteriores não foram suficientes para o sucesso de muitos de modo que, quando questionadas sobre os objetivos do projeto e como acontece na prática, as mesmas responderam compreender que esse processo de recomposição se dá na prática pedagógica diária. Contudo, entende-se que essa prática isolada e não contextualizada não promove um conhecimento efetivo, não havendo motivação por parte do aprendente, apoio familiar e um trabalho pedagógico diferenciado (no sentido de ser instigante, de promoção ao gosto por aprender). Relatam o quanto o sentimento de frustração tem contribuído para o insucesso escolar daquelas crianças.

A proposta é entendida como um divisor, que a partir desse ponto possa conseguir superar dificuldades e que para as crianças “passar para frente” não signifique ser penalizadas pelo sistema. Freire (1986, p.12) faz sua conclusão que aprender é uma descoberta criadora, como “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender.” e que a cada conquista a motivação vai surgindo com aquela vontade de sempre querer mais. Ou seja, uma troca mútua de experiências entre o alfabetizando e aquele que o alfabetiza. O professor precisa conhecer o seu aluno as suas necessidades.

O Núcleo de Aprendizagem atende no máximo 15 estudantes do 3º ao 5º ano por turma, ou seja, é formada uma nova turma, com estudantes avaliados e reenturmados em outra sala para receber esse atendimento diferenciado, sendo no mesmo horário e turno da turma de origem do aluno. Questionadas sobre os desafios e a média de alunos da turma que conseguiram recompor sua aprendizagem, as alfabetizadoras relataram que, mesmo com um número reduzido, eram necessárias atividades diversificadas, além de alguns alunos com características atípicas que visivelmente não se tratavam apenas de dificuldades de aprendizagem, mas, de dificuldade de fala, de atenção, que

necessitavam de um acompanhamento com outros profissionais tanto da área educacional como de saúde.

Portanto, as dificuldades em uma sala de quantidade mínima são as mesmas daquelas de quantidades mais elevadas e que a professora P. Maria abordou a necessidade de alfabetização de forma dinâmica e lúdica, para que pudesse chamar mais atenção dos seus alunos. Um fato importante colocado por Ferreiro (1999, p.47) é que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”. Desde a sua ida a escola, a criança inicia o processo, mas que nem sempre esse processo acontece no tempo previsto.

Questionadas sobre as estratégias que estariam alcançando resultados, relataram que com toda certeza, as estratégias que utilizam a ludicidade, porque instiga a participação dos estudantes, motiva-os a participarem por serem atividades que fogem da rotina comum da sala regular, desta forma, lembramos o que diz Ferreiro (1986, p. 67) “quem simplesmente decora não questiona não transforma, não vai além”. Com esse trabalho não se quer estudantes que apenas decore algo ou formas, mas, que realmente aprendam de forma significativa. E indagadas sobre o que poderia ser agregado ao projeto descrevendo como um ponto que poderia se tornar significativo. O que as professoras apresentam ser algo que poderia contribuir, seria a aproximação dos pais, atividades extra classe, mas, que fossem na escola em um contra turno escolar, a P. Luiza acrescentou planejamentos extras com os profissionais do Núcleo de Aprendizagem.

É importante lembrar que as crianças desempenham um papel ativo no processo de aprendizagem, elas constroem o seu próprio conhecimento e o professor é um provocador. Piaget (1971), Ferreiro e Teberoski (1985) nos faz refletir sobre essa descoberta de grande relevância que nos impele a que repensemos os métodos e estratégias de ensino. Que de acordo com a teoria baseada em Piaget, a epistemologia genética, sugere que o professor ao invés de apontar os “erros” ou ofereça “a resposta correta” que ele percebe o quanto isso prejudicará o aluno, o que se tem a fazer é valorizar o que é apresentado pela criança para que ela perceba por si onde está o erro, e que nesse sentido desenvolva suas hipóteses e teorias, e que construa junto ao professor sua resposta correta (Ferreiro e Teberoski, 1985).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, é evidente que as práticas de alfabetização precisam ser repensadas, pois, em muitos casos ainda se baseiam em estratégias tradicionais. Conforme estudos e pesquisas, a história da alfabetização está atrelada aos métodos de ensino, ou seja, o fazer pedagógico em sala de aula e isso nos tem feito repensar quanto ao problema em relação à dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever.

É notório que o processo de alfabetização não é algo que se memoriza a leitura e a escrita, muito se ouve falar de professores que seus alunos aprendem no dia e ao retornarem no dia seguinte para escola já não sabem se quer as vogais completas. A criança precisa construir um saber de natureza conceitual, ela precisa saber o que está aprendendo e o que a aprendizagem das vogais do alfabeto, seja ela qualquer que seja, representa para ela e que isso se torne algo gratificante, pois, com o tempo ao invés de tornar algo satisfatório se tornará chato e desmotivante. Como coloca Emilia Ferreiro, quem não aprende que apenas decora, não tem perspectiva de futuro.

Portanto, observando o panorama em que estavam os estudantes manifesta-se a preocupação da Secretaria de Educação, escolas e professores de ampliar métodos e estratégias que vislumbre esse interesse do estudante em construir um conhecimento sólido, ter uma visão mais ampla das coisas e que a cada dia como o poema de Ruth Rocha retrata, que os símbolos possam se transformar. Esse trabalho de incentivo deve partir da escola e da família, esse último conforme atestado pelas professoras entrevistadas é quase nulo.

Contudo, pensando nisso, é evidente a ciência dos alfabetizadores em buscar novos métodos que viabilize a alfabetização de forma mais eficiente. Em “As descobertas” de Piaget e Emília Ferreiro (1999) concluem que a criança tem um papel muito importante no seu processo de aprendizagem, que por meio desse papel ativo as descobertas e aprendizagens acontecem. O papel desempenhado pelo professor, como foi visto, de novas perspectivas e direcionamentos, planejamento diferenciados, com organização de rotinas, ambientes alfabetizadores com métodos e conteúdos pautados na teoria construtivista, na qual o aluno se sinta o centro do processo de protagonista e participante ativo, representa algo essencial na formação do indivíduo, e que é possível reconhecer que muito se tem mudado e evoluído no sentido de repensar as práticas e que é preciso renovar e focar no aluno e suas necessidades e individualidades.

O trabalho realizado pelo Núcleo de Aprendizagem tem chamado a atenção por

esse fator, tem pensado no estudante como sujeito ativo, capaz de pensar, recriar, raciocinar, que eles tenham um ponto de partida e que compreendam aonde irá chegar. Das professoras entrevistadas com todas as questões pontuadas anteriormente, ou questões de indisciplina, ou até mesmo o apoio dos pais, duas relataram que 50% de seus alunos conseguiram atingir o êxito proposto pelo projeto. A P. Luiza relatou que 80% de seus aprendentes sairiam alfabetizados, demonstrando que o projeto do núcleo tem conseguido os seus objetivos, que são diminuir a defasagem causada principalmente pela suspensão das aulas presenciais e promover diferentes condições de aprendizagem.

Freire chama a atenção para a necessária esperança no fazer educacional, destacando a luta diária de cada profissional enfrenta no dia a dia, e ainda assim não perde a esperança e não desiste de seu aluno.

Ao conversar com as professoras em entrevista, é evidenciada a vontade e a persistência delas em dizer que apesar de tudo eles irão conseguir, e que a avaliação não parte somente da Secretaria de Educação em relação ao trabalho desenvolvido por elas, mas, que inicialmente elas se submetem a um processo de autoavaliação de seus próprios trabalhos e pensam que tudo é possível quando se tem esperança. Como afirma Freire (1997, p. 06) “Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate”. Nesse sentido, o que move cada professora é sua esperança, esperança de superar os obstáculos e que a recomposição da aprendizagem se concretize de forma significativa. Os resultados obtidos são animadores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABE, S. K. **Recomposição das aprendizagens no Brasil e no mundo**. Disponível em: Cepec. 2022. <https://www.cenpec.org.br/noticias/recomposicao-aprendizagens-brasil-mundo> acesso em 13/10/2023. Acesso em: 12 de out. de 2023.

BACICH, L. Instituto Unibanco 30 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/no-ensino-hibrido-o-on-linepotencializa-o-momento-presencial-explica-lilian-bacich/>. Acesso em 05 de jul. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação/SETEC. **Currículo Referência: políticas públicas para a educação profissional e tecnológica**. Brasília: MEC, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Criança Alfabetizada 2023 Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/crianca-alfabetizada/contexto#:~:text=Em%202019%2C%2054%2C8%25,estudantes%20no%20ciclo%20de%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 17 de nov. de 2023.

BRASIL, Lei Lei nº 13.987 de 07 de abril do ano de 2020. Diário oficial da União. Seção 1. Brasília-DF. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP. Sistema de Avaliação da Educação Básica-SAEB. 2022. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>. Acesso em 06 de out. de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília-DF. 2017.
BRANDÃO, Carlos R. A educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
CETIC. **TIC Educação 2020**. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2020_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 13 nov. 2023.

DOURADO, Simone; Ednaldo Ribeiro. Metodologia da Pesquisa em Educação. Metodologia Qualitativa e Quantitativa. 2ª ed. Editora Atenas. 2023.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua da Língua Portuguesa. Curitiba. Editora Positivo, 2004.

FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1986.

_____, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. Trad. Horacio Gonzales e outros. São Paulo: Cortez, 1985.

_____, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire. – Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á prática educativa. 7 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

_____. Paulo. A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completa. São Paulo. Cortez Autores Associados. 1989.

_____, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

_____, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KARPINSKI, Josiane Aparecida. et al – Neirisleia Francisconi Del Mouro, Marcos de Castro, Luiz Fernando Lara. Fatores críticos para o sucesso de um curso em EAD: a percepção dos acadêmicos. Avaliação (Campinas), Sorocaba, v. 22, n. 2, p. 440-457, Ago. 2017.

KENSKI, V. M. **O que são tecnologias e por que elas são essenciais.** In: KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LIMA, Lauro de Oliveira. Tecnologia, educação e democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora da Unesp, 2000, p.17- 35.

PALANGANA, Isilda Campaner. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. 2. Ed. São Paulo: Plexus, 1998.

PIAGET, Jean William Fritz. A Epistemologia Genética. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.

ROCHA, Ruth. O menino que aprendeu a ver. São Paulo: FTD, 2013.

SANTOS, Maria Januário Vilela. História Antiga e Medieval. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2013.

SÃO JOSÉ DE PIRANHAS, Secretaria Municipal de Educação. Núcleo de Aprendizagem. 2022.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento:** caderno do professor, Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005.

SOARES, Magda. Oralidade, alfabetização e letramento. Revista Pátio Educação Infantil. Ano VII- nº 20 jul/out. 2009. Disponível em <https://falandodospequenos.blogspot.com/2010/04/alfabetizacao-e-letramento-na-educacao.html> acesso em 10 de out. de 2023.

_____,Magda. **Alfabetização e letramento.** 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. E-book.

_____, Magda. Alfabetização: a questão dos metodos. São Paulo: Contexto. 2016.

SILVA, Suzi Alves da. **A educação infantil em Timor-Leste: história e percepções docentes diante dos desafios e possibilidades atuais.** 201p. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2021.

Qedu. Use dados. Transforme a educação. 2022 disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2514503-sao-jose-de-piranhas>. Acesso em 12 de out. de 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Aprendizagem na Educação Básica: Detalhamentos do contexto pré-pandêmico. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua IBGE, 2021. <https://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado/2022/02/08/ultimas-da-internet-40-8-das-criancas-brasileiras-entre-6-e-7-anos-sao> Acesso em 12 de out. de

2023.

UNICEF. Perdas de aprendizagem com a covid-19 podem custar a esta geração de estudantes quase US\$ 17 trilhões em ganhos durante a vida - Relatório do Banco Mundial-Unesco-UNICEF expõe a magnitude da crise educacional. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/perdas-de-aprendizagem-com-covid-19-podem-custar-a-esta-geracao-de-estudantes-ganhos-durante-a-vida>. Acesso em: 12 de nov. 2023.

Anexo Artigo de Pós-Graduação UFCG

Entrevista semiestruturada

1. Como é organizado e pensado o planejamento de atividades diversificadas e diferenciadas, já que a proposta do projeto requer uma metodologia diferente?
2. O objetivo do núcleo de aprendizagem é dirimir as dificuldades e recompor aprendizagens não adquiridas ao longo da pandemia ou até mesmo antes dela. Enquanto professora como você compreende esse processo, ele acontece na prática, como objetiva o projeto escrito?
3. Quais os principais desafios enfrentados para concretizar a proposta do núcleo?
4. Em sua percepção, quais estratégias de aprendizagens, estão alcançando melhor os objetivos propostos?
5. Na sua opinião haveria alguma sugestão de estratégia que poderia potencializar a recomposição da aprendizagem que não consta no projeto do núcleo?
6. Em média qual a percentagem de alunos que tem conseguido fazer a recomposição de aprendizagem?